

# O Fim de Ronaldinho

15.Nov.2001 João Wady Cury

Ronaldinho acabou. Aquele rapaz mirrado, que saiu do subúrbio do Rio e acabou ganhando fama e fortuna a partir de sua carreira no Cruzeiro, de Belo Horizonte, não existe mais. Pior que isso, vive da benevolência de repórteres esportivos hipócritas, que a cada dia criam mais um motivo de esperança para a volta aos gramados daquele que um dia foi craque. Ronaldinho é hoje um ex-craque e deveria pelo menos ter coragem de encarar isso de frente, da mesma forma como enfrentava implacavelmente seus marcadores. Quem sabe até Ronaldinho devesse se propor a fazer uma declaração pública para dizer com todas as letras: "Eu acabei. Eu não existo mais, nem quero mais saber de futebol. Me deixem em paz. Quero levar minha vida jogando golfe, aparecendo nas fotos da revista Caras nas praias da Europa e ser reverenciado como personalidade, um verdadeiro pop star - e não mais ser reconhecido como um jogador de futebol".

Seria mais honesto. Seria menos covarde. Vamos à verdade: Ronaldinho é um ex-jogador de futebol. Todos vêem isso, mas poucos admitem. Todos queríamos vê-lo novamente nos gramados, jogando. Queríamos ver Ronaldinho como era antes, tendo atrás de si zagueiros que cambaleavam pelo campo, mal se agüentando de pé. O Ronaldinho de antes - antes mesmo daquele ataque epiléptico, daquele descontrole, daquela amarelada. Sua vida, sua sorte, tudo, tudo mudou ali. Foi apenas uma noite. É como se naquela noite uma mão gorda, oleosa e peluda tivesse pousado sobre sua cabeça e uma voz fria como a de um deus grego, implacável, tivesse decretado: "Acabou".

Só que, morto vivo como está, Ronaldinho insiste. Acredita no improvável. Acha que ressuscita. E por essa falta de discernimento, corre o risco de repetir o gordo e velho Maradona - aquele ameirão humano capaz de fazer frente a Keith Richards, dos Stones, só que este está na sua melhor forma - vem agonizando nos gramados, como vimos a cena patética do fim de semana em sua 38<sup>a</sup> despedida. Nauseante. Mas Maradona tem sempre o último recurso, a desculpa da cocaína, da dependência química.

A droga do dinheiro ou o dinheiro é uma droga? A dependência seria um contrato com a Nike que dizem beirar os 15 milhões de dólares? Sim, é claro, Ronaldinho fica lindo de chuteira nova porque está sempre no banco de reservas e a maldita nunca aparece suja, que é como um centroavante deveria apresentar suas botinas. Esteve (quase) uma hora em campo nas três partidas que participou nos últimos dois anos - senão, vejamos, pisou no gramado em jogos oficiais uma vez contra a Lazio, duas contra o Brasov, da Romênia e a última contra o Lecce. Comparando isso com o tempo de exposição nas capas de revistas, nas colunas sociais e raramente na parte de esportes dos jornais, onde aparece jogando golfe, é nada.

A conclusão é simples: Ronaldinho está orientado para continuar aparecendo. E provavelmente o único lugar onde ele não tem ido é a sala de fisioterapia. Deve ser monótono, mas não para um especialista. "No caso do Ronaldo, que é atleta, tem de fazer oito horas de fisioterapia todo dia. Não tem sábado, não tem domingo, nem feriado. Não pode ser embaixador, não pode ir a boates. Tem de fazer somente isso (fisioterapia) da vida, algo que ele não tem feito". A frase, quase comovente pelo tom de objetividade, é do fisioterapeuta Nivaldo Baldo, em entrevista ao no.. E mais, ele não faz média com a mídia. "Voltar como ele era, não volta. Ronaldinho vai voltar a jogar com uma perna e meia".

Ronaldinho precisa ser amado. Temos que amá-lo, todos nós. Porque somente um homem que é amado por seus pares seria capaz de vencer uma luta como essa, uma luta contra uma emissora de televisão que quer fazer com que ele volte a ser o que não é mais e não poderá nunca mais - seria o mesmo que, há 30 anos, tentar fazer com que Garrincha esquecesse algumas certas lesões que tinha nas pernas, especialmente nos joelhos, e voltasse a jogar como o verdadeiro Garrincha, o legítimo, e não aquela sombra de um manco.

Mais do que isso, trata-se de uma luta contra um fabricante de tênis - sim, não passa de um fabricante de tênis que responde por acusações na ONU de submeter crianças a trabalho escravo na Ásia - que financia a seleção brasileira, que também financia pessoalmente Ronaldo. E se não bastassem todos esses argumentos, não seria a hora de alguém olhar para esse pobre diabo e falar: "Filho, chega". Porque se tudo isso fosse mentira, o que levaria esse ser agonizante à concentração da seleção brasileira para dar apoio moral aos colegas, generosidade com os onze próximos? Não, eu digo. Compromisso assumido. Contrato, registrado em cartório, ou, como dizem os homens do bicho, vale o escrito.

A saga de Ronaldinho e suas mancadas sugerem a versão tropical, suburbana, mal-ajambrada do que o gênio irlandês de Samuel Beckett criou em sua peça de teatro mais famosa, "Esperando Godot". Sabemos que Godot nunca aparece, nem nunca aparecerá. Dizem que Godot é mistura do inglês god, deus, com o final pejorativo em francês ot. Deusinho. Nosso deus merreca. Ronaldinho foi de verdade nosso deus, imbatível, monstruoso como um deus. Hoje não é mais. Nem mesmo é um arremedo de seu lance mais feioso. Sim, Ronaldinho acabou.

Que viva para sempre em nossas memórias Ronaldinho!